HISTÓRIAS REBUSCADAS EM PÁGINAS AMARELADAS[1]

STORIES IN ELABORATE YELLOWED PAGES

Lorena Zomer[*]

No ano de 2009, duas décadas após o lançamento, chegou ao Brasil o livro "O Sabor do Arquivo". A autora é diretora do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), uma instituição que tem como foco de pesquisa o contexto do século XVIII na França. A obra foi escrita em uma época de revisões metodológicas e epistemológicas da História e está mergulhada em análises dos arquivos da Biblioteca do Arsenal – incluindo documentos da Bastilha – da Biblioteca Nacional, ambas organizadas no Arquivo Nacional.

Logo no início, em *Na Porta de Entrada,* a autora nos fazer pensar sobre a profundidade de sentidos e significados que um arquivo pode ter, desde seu conteúdo até mesmo a sua materialidade. De depoimentos e de processos judiciais, a autora retira dados e conhecimentos até então desconhecidos. Arlette Farge frisa ainda as peculiaridades dessas fontes, como o fato de serem frutos de coerções, relatos de fofoca e, algumas vezes, afirmações espontâneas sem fins biográficos. Nessas condições, até onde nós, historiadoras (es), podemos confiar, isto é, dentre os diferentes nomes e versões descritas em qual devemos investigar? Além disso, o cheiro, a fragilidade de algumas folhas corroídas, rasgadas ou mesmo as ausentes, faz com que horas de cópias sejam perdidas por não se ter um final. Nesse último ponto, reside um dos sabores segundo a autora, pois, ao podermos reler apenas depois de horas, acabamos por respeitar o tempo histórico do documento. Deste modo, de acordo com Angela de

[*] Mestre em História Cultural na Universidade Federal de Santa Catarina e Doutoranda em História Cultural pela UFSC.
[1] Essa resenha refere-se ao livro: FARGE, Arlette. O sabor do arquivo. São Paulo: Edusp, 2009.

Castro Gomes, o calor do feitiço, aquele que se dá na descoberta de algo que se difere veemente no arquivo, pode ofuscar outros sentidos. Para compreender estes sem prejudicar as práticas instituídas no arquivo encontrado é preciso mais sensibilidade à própria escolha do objeto[2].

Em *Percursos e Presenças*, a Paris do século XVIII é descrita como sóbria e ao mesmo tempo inquieta, com seus vários crimes e acontecimentos que recheiam as páginas policias, exalando cheiros e investigações. Nesse sentido, Arlette Farge demonstra como um arquivo, ao ser montado, organizado e demarcado acaba alterando o social e o cultural do contexto sobre ao qual se direciona. Ao analisarmos as narrativas dos réus ou testemunhas podemos perceber como o real é representado, para eles e para nós. Normas, regras e hierarquias de poder permitem que analisemos uma sociedade, isso se dá por meio de frases compiladas por horas, ao cheiro de mofo, poeira e ácaros.

Um ponto a se destacar nesse capítulo são as características e relações de gênero que podem ser apontadas e analisadas em documentos como esses. Mulheres estão presentes desde seduções a infanticídios, muitas vezes sendo descritas de maneira pejorativa e abaixo em uma hierarquia de gênero. Mas, o arquivo permite que lembremos a presença das mulheres na História, uma ciência dominada pela escrita de homens por tanto tempo e por isso ausente de nomes de mulheres que também a fizeram. É possível perceber no arquivo que há um desvio da norma, ou seja, as mulheres conquistaram poderes ao serem testemunhas, ao entrarem em assuntos sem serem convidadas, em um tempo em que a liberdade era vigiada, quando não nula.

A também historiadora Michelle Perrot, baseada em seus estudos sobre o século XIX, fala sobre a ausência das mulheres no espaço público, quando muito lembradas ou por seus vestidos ou por seus escândalos[3]. Porém, a historiadora ainda insiste que os arquivos públicos não consideraram a presença das mulheres, devido a uma insignificância ou mesmo por

[2] A historiadora alerta-nos sobre o cuidado que temos que ter em não analisar as fontes como detentoras de uma verdade absoluta e precisa. GOMES, Angela C. Nas malhas do feitiço: o historiador e o encanto dos arquivos privados. In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 11, no. 21, 1998.

[3] Michelle Perrot enfatiza a necessidade de problematiza questões além do modo como se vestiam ou como se portavam as mulheres, segundo os registros. PERROT, Michelle. Práticas da memória feminine. In: *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: EDUSC, 2007, pp.34-37.

destruírem os arquivos, que neste caso seriam os privados (diários e cartas). Ambas as historiadoras pesquisam sobre a França, entretanto em tempos diferentes, o que poderia explicar as diferentes afirmações. Desse modo, friso que Arlette Farge ao constatar que as mulheres estão presentes em seus arquivos, permite à história – e nesse caso a nós historiadoras (es) – que debrucemos nossos olhares em páginas que certamente podem nos contar além de nossas expectativas.

O cotidiano do pesquisador encontra-se presente no início de cada capítulo, como em *Milhares de Vestígios* e *Ela acaba de chegar*, nos quais a autora narra observações na escolha do material, dos catálogos, no andar dos arquivistas, no silêncio das salas, na solidão que espreita a vida daqueles que se dedicam a passar horas compilando. A figura do historiador, a quem se dirige esse livro, vai aos poucos conquistando e habituando-se nesses lugares, que já deveriam ser nossos conhecidos íntimos há mais tempo. Em *Os Gestos de Coleta* autora nos instiga a refletir sobre o conhecimento histórico que ainda não temos, isto é, buscar vestígios utilizando a nossa subjetividade, formando séries, objetos de estudo a fim de compreender semelhanças, mas também diferenças. Estas últimas fazem parte da insistência da autora em seus argumentos, cuja centralidade está em manter distância do objeto, porém atenta às nuances, aos detalhes que o arquivo pode revelar.

Arlette Farge, como em seus demais livros, demonstra sua preocupação em dar aos sujeitos históricos não uma heroicização, mas sua historicidade. Essas noções são perceptíveis quando percebemos sua ênfase em não apenas citar o que está nos arquivos, mas esmiuçar o modo como está narrado, o local de produção. A ideia de perceber as nuances também está presente *em Falas Captadas*, em que a autora afirma que pequenos acontecimentos, muito vezes desprezados pelo seu pré-julgamento como pequenos, podem gerar grandes explosões de sabor. Devemos estar atentas (os) como ocorrem as narrativas de si, como as palavras reformulam os acontecimentos no momento dos depoimentos e geram diversas representações. Arlette Farge sugere, por meio da apresentação do seu arquivo, que nós historiadoras (es) devemos vê-los a partir de um caleidoscópio, desarmando-nos de nossas hipóteses primárias ao chegar ao arquivo, a fim de não perder as outras imagens que podem estar rebuscadas em suas páginas amareladas.

Para Arlette Farge o objeto da história é, sem dúvida, a consciência de uma época e de um meio. Esta afirmação pode ser relacionada com várias discussões que são contemporâneas ao "boom" do arquivo privado e também da História das Mulheres, história oral e da memória[4]. Nesse leque, questões relativas à narrativa da História, da noção de arquivo foram revisitadas. O que se tem de resultado é até onde a História tem meditado sobre os limites e as condições do fazer histórico? As (os) historiadoras (os) devem considerar o julgamento histórico contínuo, sempre atento à multiplicidade das versões históricas, à materialidade e ao conteúdo de cada arquivo, ao modo como estes foram instituídos e, ainda, como são comandados. A função da (o) historiadora (r) é compreender as evidências, olhando para elas como lugares que emanam respostas de acordo com as perguntas realizadas.

Em sua última parte de observação nos arquivos, em *A Sala dos inventários*, a autora já nos mostra uma fase mais ambientada, mais barulhenta e uma impressão menos sóbria. Provavelmente a ideia de que qualquer historiadora (r), ou pesquisadora (r) em geral deveria ter ou sentir ao visitar um arquivo. Despedindo-se em *Escrever*, a historiadora Arlette Farge alerta-nos sobre a importância de lembrarmos os excluídos da história, de dar ao fim do que narramos a possibilidade de outra versão. Enfim, para a autora o sabor do arquivo é um modo de ver um contexto por meio das palavras do outro, com o intuito de permitir uma relação do presente com o passado, sobre ontem e hoje. É um livro que nos intima a olhar para as fontes como produtos que foram talhados, observados e escolhidos até chegar a nós e que, portanto, não podem ser apenas citados. O arquivo é um recôndito que desperta os sabores mais intensos que o nosso ofício de historiadora (o) pode provocar. É o sabor do conhecimento, do tempo histórico de sujeitos que ficaram abandonados ao longo do caminho. É o trajeto percorrido entre a (o) historiadora (r) e a (o) arquivista. Reúne as tantas páginas sobre mulheres, presos, crianças que ficaram perdidos ao longo da escrita da história positivista. Sem dúvida, as páginas amareladas não poderiam enumerar, mas, por outro lado, podem nos levar a uma questão principal: qual é a história que estamos escrevendo?

[4] Sobre as noções e metodologias da História ver: HARTOG, François. *Evidências da História*: o que os historiadores veem. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2011, pp.203-251.

REFERÊNCIAS

FARGE, Arlette. *O sabor do arquivo*. São Paulo: Edusp, 2009.

GOMES, Angela C. Nas malhas do feitiço: o historiador e o encanto dos arquivos privados. In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 11, no. 21, 1998.

HARTOG, François. *Evidências da História:* o que os historiadores veem. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2011, pp.203-251.

PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. In: *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: EDUSC, 2007.